

## A UNIVERSIDADE NA ERA DA TÉCNICA SEGUNDO HEIDEGGER

### THE UNIVERSITY IN THE ERA OF TECHNIQUE ACCORDING TO HEIDEGGER

Antônio Wagner  
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

**Resumo:** A partir dos textos *O que é metafísica? (Was is Metaphysik?)* e *A auto-afirmação da universidade alemã (Die Selbstbehauptung der deutschen Universität)*, o presente artigo analisa a situação da universidade que em plena época do progresso da técnica encontra-se relacionada, na concepção heideggeriana, ao esquecimento do ser e ao encobrimento da verdade originária, formando, deste modo, uma comunidade de pesquisadores, professores e estudantes a serviço da razão calculadora. Devido à sua forma de organização em que predomina a dispersão das ciências e das técnicas, a universidade teria desconsiderado definitivamente o pensar originário. Assim, os saberes técnicos advindos da tradição metafísica acabaram prevalecendo sobre a noção de saber enquanto *alétheia*.

**Palavras-chave:** Martin Heidegger; Universidade; saber; técnica moderna.

**Abstract:** From the texts *What is metaphysics? (Was Is Metaphysik?)* and *The Self-Assertion of the German University (Die Selbstbehauptung der deutschen Universität)*, this paper analyzes the situation of the university which, in the middle of the era of technical progress, is related, in Heideggerian conception, to the forgetfulness of the being and to the concealment of the original truth, thus forming a community of researchers, professors and students as serving a calculating reason. Due to its form of organization dominated by the dispersion of sciences and techniques, the university would have definitely disregarded the original thinking. Thus, the technical knowledge derived from the metaphysical tradition ended up prevailing over the notion of knowledge as *alétheia*.

**Keywords:** Martin Heidegger; University; knowledge; modern technique.

Através do presente trabalho propomos discutir o sentido da universidade enquanto comunidade de saber a partir do pensamento de Martin Heidegger. Para tanto, teremos como principais referências teóricas os textos *O que é a metafísica?* (*Was ist Metaphysik?*) e *A auto-afirmação da universidade alemã* (*Die Selbstbehauptung der deutschen Universität*) Este último, datado de 1933, se notabilizou como o discurso de posse do referido filósofo na condição de reitor da Universidade Albert Ludwig - localizada em Freiburg (Brigóvia/Alemanha) -, uma instituição pública fundada em 1457. Outros escritos pertencentes ao conjunto das suas obras em muito contribuirão para o desenvolvimento do trabalho que pretendemos realizar, dentre eles *A questão da técnica* (*Die Frage nach der Technik*), *O que significa pensar?* (*Was heisst Denken?*) e *Ciência e pensamento do sentido* (*Wissenschaft und Besinnung*).

A crítica apontada por Heidegger à predominância da visão utilitária desenvolvida pela universidade a partir dos seus saberes técnicos contribuiu substancialmente para provocar a controvertida posição política do filósofo quando este se aproximou do Partido Nacional-Socialista alemão acreditando que com isso poderia promover a reforma universitária. Além disso, Heidegger também imaginava que essa ideologia simbolizava a restauração da Alemanha enquanto nação. Porém, apesar do seu pensamento ter inspirado um número considerável de filósofos ocidentais, dentre eles Jean-Paul Sartre, Hannah Arendt, Emmanuel Lévinas, Michel Foucault e Jacques Derrida, temos que levar em consideração o fato de que o mesmo “se misturou a um dos acontecimentos mais trágicos da história contemporânea” (BERTEN, 2004, p. 25), sendo que tal acontecimento – tendo Auschwitz como um dos seus símbolos indelévels – “constitui uma pedra de tropeço para a filosofia política e o pensamento em geral” (BERTEN, 2004, p. 25).

Não são poucos os artigos, livros e debates acadêmicos que têm surgido trazendo à tona a atuação política de Heidegger no tocante ao Partido Nacional-Socialista alemão, ou, melhor dizendo, à sua adesão aos ideais do nazismo. Sendo assim, as questões aqui apontadas não oferecem nenhuma novidade a esta temática que, de certa forma, acabou se tornando uma discussão recorrente no âmbito da filosofia contemporânea. Evidentemente, o extenso material bibliográfico produzido a este respeito – e em diversas línguas, diga-se de passagem -, contem tanto manifestações daqueles que atestam ter sido Heidegger um autêntico nazista quanto daqueles que em razão de um olhar mais amplo sobre este aspecto, afastam Heidegger de tal rótulo,

mesmo diante da incontestável aproximação do filósofo com o regime político liderado por Adolf Hitler. Para estes, torna-se inconcebível condenar o pensador do ser e a sua obra filosófica a permanecerem para sempre com essa mancha histórica.

Este quesito na biografia do filósofo deve ser tratado com a devida cautela a fim de evitar reducionismos, equívocos e distorções até mesmo conceituais sobre a grandeza da trajetória do seu pensamento frente a um fato – ainda visto por muitos como nebuloso – que acabou por levantar suspeitas e desconfianças quanto às intenções dos seus próprios escritos. As especulações em torno do posicionamento político de Heidegger têm sua origem a partir de maio de 1933, quando este assume o cargo de reitor da Universidade de Freiburg sob a tutela do Partido Nacional-Socialista.

Ao tornar-se chanceler da Alemanha em janeiro desse mesmo ano, Hitler teria iniciado uma série de ações cujo objetivo era a implantação do poder com base numa linha ditatorial. A coibição das forças políticas contrárias aos seus ideais foi, sem dúvida, uma das suas primeiras medidas, tendo, deste modo, adotado alternativas de aniquilamento da atuação dos comunistas e dos social-democratas. Consta que até mesmo a organização das Forças Armadas sofreu consideráveis alterações com a chegada de Hitler ao seu comando maior. Ao agir de maneira fervorosa a fim de obter o poder absoluto sobre o Exército ele acabou comprometendo a estrutura de comando anteriormente desenvolvida, cuja organização era marcada por um sentimento de solidariedade entre os oficiais. Tal atitude fez com que alguns desses militares se demitissem de suas funções e outros partissem para a tentativa de promover o assassinato do próprio Hitler<sup>1</sup>.

Em meio às inúmeras práticas de contenção da democracia alemã estava na mira de Hitler a questão da universidade, fato este que fez com que o professor Von Möllendorf fosse destituído do cargo de reitor da Universidade de Freiburg, uma vez que atuava como um dos adeptos da política social-democrata. Assim, procedeu-se uma nova eleição para o cargo. Eleito por unanimidade, o professor Heidegger assumiu o reitorado sucedendo Von Möllendorf, ainda nos primeiros dias do mês de maio, Dia do Trabalho alemão.

Evidentemente, Heidegger via na sua ascensão ao cargo de reitor a possibilidade de promover a reforma universitária que desde antes já ocupava um lugar significativo em seus escritos. Além disso, ele também vislumbrava através dos nacionais-socialistas

---

<sup>1</sup> Ver: MATTHEWS, Rupert. *Hitler*: comandante militar. p. 11.

a possibilidade de renascimento do povo alemão. Para Heidegger, a universidade se caracterizava definitivamente como um espaço privilegiado de exercício filosófico, embora a filosofia seja mais que uma área do saber acadêmico. A estreita relação entre universidade e filosofia é concebida por Heidegger como algo de notável valor. Afinal, foi através da sua atuação no espaço universitário, das suas lidas com as tarefas da cátedra, que este pensador produziu as suas instigantes conferências, aulas e seminários.

Apesar de entender que a filosofia não se limita à universidade, Heidegger reconhece que essa instituição de ensino sempre proporcionou inúmeras condições para o desenvolvimento da experiência filosófica, abrindo debates e perspectivas de extrema importância para o aprimoramento e elaboração das suas reflexões. Desta forma, “a filosofia tem assim uma dívida essencial em relação à universidade” (SÁ, 2008, p. 05), sendo que “o único modo de pagar essa dívida é justamente o de pensar a comunidade de saber que a constitui, na sua essência e no seu destino” (SÁ, 2008, p. 05). Sem dúvida, foi com este intuito que Heidegger se propôs engajar-se na política universitária e, como filósofo, promover tal intervenção tendo como referência, para uma ação fundamental, o próprio pensar.

Escreveu Heidegger em 1921/22: “Se a filosofia deve ser, aqui e agora, ela tem que se determinar a partir do contexto da vida fáctica (*faktisches Leben*), que designamos com o nome *Universidade*” (HEIDEGGER apud SÁ, 2008, p. 06). Daí podemos observar que desde antes ele já concebia a universidade como ponto de determinação da filosofia. Evidentemente, “não se pode afirmar sem mais que filosofia e universidade sejam inseparáveis (...), mas não é possível definir e vivenciar o sentido e a missão de uma universidade sem o recurso à filosofia” (VANNUCHI, 2004, p. 14).

Consta que o jovem professor Heidegger, no semestre de verão de 1919, na Universidade de Freiburg, se dedicou semanalmente a leituras de lições da qual denominou *Sobre a essência da universidade e do estudo acadêmico* (*Über Wesen der Universität und des akademischen Studiums*). Porém, o manuscrito com o conteúdo dessas lições acabou se perdendo, tendo permanecido apenas algumas anotações de Oskar Becker, um dos participantes das leituras realizadas e que foram publicadas em suas *Obras completas* (*Gesamtausgabe*), organizadas por Bernd Heimbüchel<sup>2</sup>. Este fato é mencionado pelo estudioso português Alexandre Franco de Sá em seu texto intitulado

---

<sup>2</sup> A abordagem sobre a universidade também está presente no conteúdo do primeiro curso realizado por Heidegger em Freiburg, no ano de 1919, ainda como assistente de Edmund Husserl.

“Heidegger e a essência da universidade”, sendo que, segundo este autor, essas lições de Heidegger contém

algumas indicações relevantes não apenas sobre a perspectiva do jovem professor em relação à essência da universidade, mas também sobre o modo como essa mesma perspectiva contribui para a emergência da sua filosofia e do curso futuro do seu pensamento (SÁ, 2008, p.07-08).

Exemplo do exposto acima é o fato de Heidegger, nessas lições de 1919, ter cunhado o conceito de *situação* para se referir ao “eu” essencialmente situado, o “eu histórico”, presente no contexto da vivência, e que mais tarde, em *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), obra de 1927, aparece como ser-no-mundo, ou seja, o homem como ser-aí (*Dasein*). Assim, conclui-se que os estudos realizados por Heidegger na universidade, responsáveis pela produção dos seus escritos não somente de 1919, mas dos que se desenvolveram ao longo dos anos posteriores e que abriram caminhos para o surgimento de *Ser e tempo*, foram decisivos para a sua formação e experiência como filósofo, sendo que a mesma observação também é válida para os seus escritos que surgiram após 1927.

Heidegger discute a necessidade de combater a dispersão – causada pelo falatório (*Gerede*)<sup>3</sup> - dos reais objetivos da universidade, pois somente assim seria possível reconstituir a sua essência. Em seu escrito de 1929, denominado *O que é a metafísica?*, afirma ele que a interrogação metafísica só pode ser realizada a partir do ser-aí questionador, daquele que se encontra envolvido em suas problematizações. E, desta forma, se dirige à comunidade científica da universidade: “Nós perguntamos, aqui e agora, por nós. Nosso ser-aí – na comunidade de pesquisadores, professores e estudantes – é determinado pela ciência. O que acontece de essencial nas raízes do ser-aí, na medida em que a ciência tornou-se a nossa paixão?” (HEIDEGGER, 2008, p. 113-114).

O que fica evidente nestas palavras do filósofo é a crítica ao modo disperso como as ciências têm concebido seus objetos de pesquisa, ocasionando uma notável

---

<sup>3</sup> Em linhas gerais, o falatório (*Gerede*), de acordo com o exposto em *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), é o discurso cotidiano que nos conduz à inautenticidade da fala e da compreensão, uma vez que o mesmo não se encontra enraizado na autenticidade da existência, caracterizando-se assim uma mera repetição vazia e sem fundamento sobre as coisas.

diversidade de disciplinas. Ressalta Heidegger que as universidades e faculdades, através da sua organização técnica, acabam proporcionando a manutenção dessas disciplinas em suas unidades de ensino. As ciências se distanciam de si mesmas, perdendo assim o seu fundamento e se entregam à tarefa de se relacionar com o ente. Assim, “o homem – um ente entre outros – faz ciência” (HEIDEGGER, 2008, p. 115).

Anos mais tarde, Jacques Derrida, em *O olho da universidade (L’oeil de l’université)*, texto de 1990, ao pensar o que representa a responsabilidade universitária, remete-se às questões abordadas por Heidegger em *O que é a metafísica? (Was ist Metaphysik?)*, ressaltando as seguintes observações:

...uma universidade como lugar comum e poderoso contrato do Estado, do povo, do saber, da metafísica e da técnica lhe parecerá cada vez menos capaz de medir-se por uma responsabilidade mais essencial, aquela que, antes de ter de responder por um saber ou por um poder ou por qualquer coisa determinada, antes de ter de responder por um ente ou por um objeto determinado perante um sujeito determinado, deve primeiramente responder ao *ser*, pelo apelo do ser, e pensar essa co-responsabilidade (DERRIDA, 1999, p. 90).

É importante lembrar que não é, de certo modo, por esta via que Derrida – mesmo reconhecendo nela a sua extrema relevância – discute a essência da universidade e o sentido da responsabilidade no direcionamento dos seus objetivos acadêmicos. No entanto, para ele, “a Universidade ocidental é um *construction* ou um artefato muito recente, e já o sentimos *acabado*: marcado de *finitude* exatamente quando na instauração de seu modelo atual” (DERRIDA, 1999, p. 90). Heidegger, por sua vez, concebe a comunidade universitária, enquanto instituição, como o espaço de desenvolvimento de determinados conhecimentos advindos dos saberes técnicos, sendo que tais conhecimentos são apresentados como elementos fundamentalmente úteis à sociedade. E, sendo assim, este caráter meramente utilitário torna-se, no mínimo, questionável.

Ainda em 1930, Heidegger já não tinha dúvidas de que a produção científica estava cada vez mais entrando num estado de extrema decadência e, conseqüentemente, a universidade. Para tanto, ele entende que seria tarefa fundamental da filosofia o domínio do seu tempo, motivo pelo qual três anos depois, ou seja, em 1933, engajou-se

na Comunidade Político-Cultural dos Professores Universitários Alemães. Trata-se de uma corrente de ideologia nacional-socialista pertencente à Liga dos universitários Alemães. Desta forma, Heidegger se insere num campo de ação em que filosofia, política e universidade encontram-se definitivamente associados. Lembra-nos Christian Dubois que “Heidegger sempre sustentou, e mostrou com seu próprio exemplo, que a filosofia era uma tarefa da existência” (DUBOIS, 2004, p. 182). E isto, sem dúvida, nos leva a compreender as razões do seu engajamento político-acadêmico, mesmo este “correndo o risco de se enganar” (DUBOIS, 2004, p. 182).

O que se verifica, porém, a partir do exposto anteriormente, é que, de certa forma, esse engajamento de Heidegger não se deu em função do seu interesse pela política de um modo geral, e sim, em função da reforma universitária que, necessariamente, só seria possível mediante a ação política. Caberia a essa reforma a tarefa de trazer à tona a verdadeira essência da universidade. Ao se ingressar no Partido Nacional-Socialista tinha Heidegger, naquele momento, a plena convicção de que esta ideologia política não possuía nenhuma relação com o determinismo tecnológico, conforme aponta Otto Pöggeler, em seu *Filosofia e política em Heidegger (Philosophie und Politik bei Heidegger)*. Esta observação de Pöggeler torna-se digna de atenção, uma vez que acena para o fato de que Heidegger teria acreditado por algum tempo que os empreendimentos nazistas iriam possibilitar a abertura do ser universitário. E é neste aspecto, portanto, que reside o seu já citado engano.

Considerado por Alain Badiou como um “grande filósofo, porém, um nazista muito banal”<sup>4</sup>, Heidegger, ao se envolver circunstancialmente com os propósitos almejados pelos nacionais-socialistas, sobretudo na condição de reitor da Universidade de Freiburg, desperta no âmbito da comunidade filosófica inúmeros questionamentos acerca dos objetivos do seu próprio pensamento.

No conteúdo instigante do seu discurso de posse como reitor, intitulado *A auto-afirmação da universidade alemã (Die Selbstbehauptung der deutschen Universität)*, pronunciado no dia 28 de maio de 1933, observa-se as palavras de um Heidegger esperançoso na condução dos rumos da instituição universitária e do povo alemão. Logo no início do referido discurso ele se refere à “essência da universidade”, retomando, de certa forma, o diálogo com os seus escritos anteriores em que tematizou essa questão, porém, acrescentando agora, um tom de cunho político. Para Heidegger, o exercício do

---

<sup>4</sup> Cf. BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. *Heidegger: o nazismo, as mulheres, a filosofia*. p. 49.

reitorado corresponderia a uma “condução espiritual” no tocante à transformação da universidade. Segundo ele:

esta essência só vem à luz, a um plano elevado e ao poder, se previamente e de cada vez os próprio guias [*Führer*] forem os guiados – guiados pela inexorabilidade deste cargo espiritual que comprime o fado [*Schicksal*] do povo alemão no cunho da sua história (HEIDEGGER, 2009, p. 03).

Com isso, as colocações de Heidegger caracterizam-se como um apelo à responsabilidade e necessidade de um enraizamento verdadeiro e de cunho comunitário na dinâmica universitária. Ao conclamar os professores e estudantes a buscar esse enraizamento, o novo reitor propõe uma abertura de perspectivas capaz de gerir a auto-afirmação da universidade alemã como vontade originária da sua essência. Portanto, essa auto-afirmação passa, sem dúvida, pelo modo com que, na concepção do filósofo, deve-se enfrentar a pergunta pela ciência. Assim, Heidegger faz o seguinte questionamento: “será que a ciência deve, para nós, continuar ainda a *ser*, ou devemos deixá-la ser arrastada para um fim repentino?” (HEIDEGGER, 2009, p. 05). E ainda: “mas se a ciência deve ser, e se ela deve ser *para* nós e *através* de nós, sob que condição é que ela pode verdadeiramente permanecer?” (HEIDEGGER, 2009 p. 05).

Desta feita, tal condição alude-se ao que ele chama de *início da nossa existência espiritual-histórica*, ou seja, aos primórdios da filosofia grega. Para Heidegger, a ciência está associada ao nascer da filosofia e assim se mantém, mesmo negando essa condição. Não há dúvida de que o discurso de reitorado evidencia a corrupção da universidade que se vê sucumbida no falatório, daí a necessidade de alertar a sua comunidade de professores e estudantes para não se dispersar, pois a ela – e somente a ela – compete a tarefa de promover a sua auto-afirmação, sobretudo a partir de uma nova compreensão da ciência.

Afirma Heidegger que “a vontade da essência da universidade alemã é a vontade da *ciência*, enquanto vontade do encargo histórico espiritual do povo alemão como um povo que se sabe a si mesmo no seu Estado” (HEIDEGGER, 2009, p. 04). E ainda acrescenta: “A ciência e o *fado* alemão têm *por uma vez* de, no querer essencial, chegar ao poder” (HEIDEGGER, 2009, p. 04). Vê-se aqui uma afirmação que tem na filosofia nietzschiana a sua inspiração ao associar a essência da ciência à “vontade de potência”.



Salienta Heidegger que os gregos já concebiam a ciência como “o poder que segura e envolve toda a existência” (HEIDEGGER, 2009, p. 06). Para ele, o homem não pode abandonar-se no meio do ente e por isso faz-se necessário ater-se ao início, concebendo-o não como um passado, mas como algo que ainda se encontra no presente.

Com o distanciamento do seu início, segundo Heidegger, a ciência fora esvaziada e desativada, mesmo diante da obtenção dos seus resultados e do trabalho desenvolvido pelas “organizações internacionais”. Como se pode observar, o discurso de reitorado acena para uma perspectiva no que se refere à educação universitária a partir da compreensão de que a ciência produzida na academia deveria voltar os olhos para trás, auscultar o pensamento originário para, enfim, vislumbrar o seu futuro.

De acordo com Tom Greaves, em seu livro intitulado *Heidegger*, desde quando era estudante no início do século XX, Heidegger já se interessava pelos temas concernentes ao estudo das ciências, tendo este frequentado cursos de ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e de ciências humanas (*Geisteswissenschaften*) na tentativa de compreender as diferenças e possíveis proximidades entre essas duas experiências de pensamento<sup>5</sup>. Para tanto, destaca Greaves:

Em um importante ensaio de 1915, “O Conceito de Tempo na Ciência e na História”, Heidegger já tinha focado no *tempo* como a chave para esse empreendimento. Lá ele distingue nitidamente o conceito de tempo empregado na física e aquele empregado na história e conclui que a reconhecimento dessa “completa alteridade *vis-à-vis* ao “conceito de tempo” é crucial para se ganhar uma melhor compreensão da ciência histórica. Uma década mais tarde, em um ensaio sobre “A investigação de Wilhelm Dilthey e a Luta por uma Visão de Mundo Histórica”, Heidegger desenvolvia sua ontologia do *Dasein*, incluindo a ideia de que a temporalidade é o modo fundamental como habitamos o mundo (GREAVES, 2012, p. 153).

Desta forma, Heidegger estabelece uma crítica ao projeto neokantiano de Dilthey, a partir do entendimento de que o conhecimento teórico cognitivo é insuficiente para a compreensão do mundo, uma vez que a nossa existência é temporalidade e, a rigor, historicidade. Sendo assim, o conhecimento teórico, seja no

---

<sup>5</sup> Naquele período havia o entendimento geral de que a cultura do pensamento concentrava-se exclusivamente nesses dois modelos científicos, ou seja, nas ciências naturais e nas ciências humanas.

campo das ciências naturais ou das ciências humanas - provém da experiência da temporalidade enquanto compreensão, o que torna possível o nosso estar no mundo. Heidegger não objetivou desprezar as diferenças pontuais percebidas por ele entre as ciências naturais e as ciências humanas, nem tampouco reconciliá-las, pois via na ontologia do *Dasein* uma possibilidade de desvelamento da própria *compreensão temporalizante*, responsável por fazer emergir ambas as ciências. No desfecho desse ensaio de 1925, conforme aponta Greaves, “Heidegger acena para pesquisas que ele vinha conduzindo sobre os antigos, sugerindo que a raiz dessas controvérsias concernentes à distinção entre os modos de investigação é uma repetição que já foi articulada na antiguidade” (GREAVES, 2012, p. 154). Evidentemente, o próprio nazismo corresponde a uma organização política que encontra na técnica moderna um dos seus aparatos de encobrimento da essência e de abnegação e destruição humana.

Como salientamos anteriormente, Heidegger destaca a importância da universidade como um dos espaços da experiência filosófica, porém na própria universidade o saber correspondente à *aletheia* teria ficado esquecido em função dos saberes técnicos. Daí a necessidade de analisar em que medida a universidade, em plena época do progresso da técnica e do fim da filosofia – época esta já anunciada por Hölderlin como *tempo de penúria* -, encontra-se comprometida, na concepção heideggeriana, com o esquecimento do ser, o encobrimento da verdade originária, formando, deste modo, uma comunidade de pesquisadores, professores e estudantes a serviço da razão calculante, do conhecimento pautado pela *ratio* e não pela compreensão do *Logos*.

A crítica apontada por Heidegger à predominância da visão utilitária desenvolvida pela universidade a partir dos seus saberes técnicos contribuiu substancialmente para provocar a controvertida posição política do filósofo quando este se aproximou – erroneamente - do Partido Nacional-Socialista alemão acreditando que com isso poderia promover a reforma universitária. Além disso, Heidegger também imaginava que essa ideologia simbolizava a restauração da Alemanha enquanto nação.

Porém, apesar do seu pensamento ter inspirado um número considerável de filósofos ocidentais, dentre eles Jean-Paul Sartre, Hannah Arendt, Emmanuel Lévinas, Michel Foucault e Jacques Derrida, temos que levar em consideração o fato de que o mesmo “se misturou a um dos acontecimentos mais trágicos da história contemporânea” (BERTEN, 2004, 25), sendo que tal acontecimento – tendo Auschwitz como símbolo

indelével – “constitui uma pedra de tropeço para a filosofia política e o pensamento em geral”, como nos lembra Berten (2004, 25).

Em seu texto, intitulado “Em busca do conceito heideggeriano de política”, Virgínia Figueiredo ressalta que o envolvimento de Heidegger com o Partido Nacional-socialista jamais deveria ter ocorrido. Como acontecimento irreversível na trajetória do filósofo, há, segundo ela, pelo menos três atitudes costumeiramente tomadas pelos que se colocam a pensar esta questão. Transcrevemos abaixo as palavras da autora:

A primeira atitude consiste em negar a importância do pensamento de Heidegger e considerá-lo simplesmente como um nazista (...). A segunda atitude consiste em amenizar a relação que Heidegger teve com o nazismo, como ela nada mais fosse senão um “episódio equivocado”, um erro lamentável sem conseqüências para a sua filosofia (...). A terceira atitude, a mais difícil, a que corre o risco de pôr efetivamente, a nosso ver, a questão sobre Heidegger e o nazismo, e não pode assim recusar nenhum dos dois lados: nem o de que Heidegger é um grande pensador e *Sein und Zeit*, um dos maiores livros da história da humanidade; nem o outro, o das relações que este gênio imortal manteve com os piores e mais inumanos assassinos, etc. (FIGUEIREDO, 2007, 204).

A discussão que se apresenta no texto citado estabelece um fecundo diálogo com o ensaio “A transcendência fin(da)inida na política”, de Philippe Lacoue-Labarthe que, evidentemente, também se alude à retirada de Heidegger das atividades políticas, no âmbito da *Kehre*, ficando, portanto, explícito que não se trata de uma questão meramente histórica, mas filosófica, pois encontra-se diante de uma problemática que gravita em torno da essência do político que inevitavelmente está associada à relação entre poética e política a partir do encontro de Heidegger com a poesia de Hölderlin, tema, inclusive, de outro ensaio posterior de Lacoue-Labarthe, denominado “Poética e política”.

Sem dúvida, o interesse pela lírica hölderliana se dá mediante a constatação do fracasso político vivenciado pelo filósofo. O seu envolvimento com as determinações políticas da Alemanha se viu derrotado quando Heidegger percebeu a impossibilidade de conciliação entre a realidade pragmática da política e a realidade do pensamento próprio do solo grego, de onde erigiu todo o pensar ocidental. O que ele almejava era o retorno da inserção grega no *corpo social* germânico, a sua reinstauração como poder original de irrupção filosófica. Para Safranski, “em sua atividade política Heidegger tem

a dolorosa experiência de não conseguir reunir como deseja os dois mundos – aquele onde vive e aquele onde pensa” (SAFRANSKI, 2005, 330).

O propósito de Heidegger correspondia à necessidade de fazer com que a filosofia pudesse intervir decididamente na nova realidade revolucionária. Safranski cita, por exemplo, fragmentos de cartas escritas por Heidegger a alguns intelectuais, dentre eles, Karl Jaspers, comentando acerca da sua relação conflitante com as questões de ordem política. O nazismo que, segundo o filósofo, passou a simbolizar um “espinho na carne” não possuía nenhum ponto de interseção com o modo de pensar dos primeiros gregos. O que restara, portanto, a Heidegger era se refugiar na província de Todtnauberg, localizada na Floresta Negra, pois somente assim ficaria mais próximo do seu “sonho grego”.

## Referências

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. *Heidegger: o nazismo, as mulheres, a filosofia*. Trad. Maria Inês Duque-Estrada. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2011.

BERTEN, André. *Filosofia política*. Trad. Márcio Anatole de Souza Romeiro. São Paulo: Paulus, 2004.

DERRIDA, Jacques. *O olho da universidade*. Trad. Ricardo Iuri Canko e Ignácio Antônio Neis. 2ª ed.. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FIGUEIREDO, Virgínia. Em busca do conceito heideggeriano de política. Rio de Janeiro, Revista Terceira Margem, v.11, n. 17, jul-dez/2007.

GREAVES, Tom: *Heidegger*. Trad. Edgar da Rocha Marques. Porto Alegre: Penso, 2012.

HEIDEGGER, Martin. (1933) *A auto-afirmação da universidade alemã*. Trad. Alexandre Franco de Sá. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. Coleção Artigos Lusosofia.

\_\_\_\_\_. (1953) *A questão da técnica*. In: *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. (1933) *Die Selbstauptung der Deustschen Universität/L'auto-affirmation de l'université allemande*. Trad. Gérard Granel. France: T.E.R., 1987. (Edição bilíngüe em alemão e francês).

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida à revista alemã *Der Spiegel* em 23 de setembro de 1966 e publicada no nº 23/1976. Trad. Irene Borges-Duarte. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. Coleção Textos Clássicos.

\_\_\_\_\_. (1929) *O que é a metafísica?*. In: *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008. Coleção Textos Filosóficos.

\_\_\_\_\_. (1927) *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012. (Edição bilíngüe em alemão e português).

MATTHEWS, Rupert. *Hitler: comandante militar*. Trad. Flávia Temoteo Ramalhete. São Paulo: Madras, 2010.

SÁ, Alexandre Franco de. *Heidegger e a essência da universidade*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. Coleção Artigos Lusosofia.

\_\_\_\_\_. “Heidegger e a política: o pensamento heideggeriano na década de 30”. In: WU, Roberto. (Org.). *Heidegger e sua época: 1930 – 1950*. Porto Alegre: Clarinete, 2014.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

VANNUCCHI, Aldo. *Filosofia e ciências humanas*. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 2004.

## **Sobre o autor**

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), onde também atua como professor permanente do Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários e professor do Mestrado Profissional em Filosofia; coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Literatura.

---

Recebido em 18/03/2018

Aprovado em 25/04/2018